




CÔ AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº

EDIÇÃO DA

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

A scenic view of a river with a bridge and hills in the background. The bridge is a white metal truss bridge with two large concrete piers. The river is dark blue and reflects the bridge. The hills are dry and yellowish-brown. In the foreground, there are white flowers.

ACTAS DO I CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO-DOURO E BEIRA BAIXA
(ANO DE 2004)

ISBN 972-8763-15-8



9 789728 763152

PUBLICAÇÃO ANUAL A CÁRREGO DO GOVERNO
CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE TRÁS-OS-MONTES

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 7 · ANO DE 2005

TRABALHO COORDENADO POR

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

(Este número da Còavisão publica exclusivamente as Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, organizado entre 29 de Abril e 2 de Maio de 2004, áreas dos Concelhos de Meda e Vila Nova de Foz Còa)



Foto da capa:

Rio Douro – Lugar do Torrão

Composição e impressão:

Còa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Còa
Depósito legal n.º 121116/98
ISBN 972-8763-15-8

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÒA
2005

Índice

Prefácio.....	5
Introdução.....	7
“Povoações Romanas da Beira Transmontana e Alto Douro” <i>Jorge de Alarcão</i>	9
“Existe uma ocupação Proto-Histórica em Trás-os-Montes antes da ocupação Romana? Alguma notas sobre esta questão” <i>Dulcineia Cândida Bernardo Pinto</i>	19
“Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa – balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa” <i>Luís Luís</i>	31
“Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico” <i>Vitor Oliveira Jorge...e outros</i>	61
O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) – reflexões sobre fases e contextos” <i>Susana Oliveira Jorge... e outros</i>	69
“Tipologias de aparelho construtivo do Sabugal Velho” <i>Marcos Osório</i>	81
“O troço desactivado da linha do Douro (Pocinho – La Fuente de San Esteban): um caso de Património Arqueológico Ferroviário a defender” <i>Carlos Abreu</i>	101
“O Esteio gravado do Cabeço do Bique (Perafite, Vila Verde, Alijó)” <i>Francisco Monteiro Faure e Eliana Miranda de Sousa</i>	133
“O Pentagrama de Ribeira de Piscos (Vila Nova de Foz Côa) e seus paralelos no contexto da arte rupestre filiforme pós-paleolítica da Península Ibérica” <i>Fernando Augusto Coimbra</i>	145
“Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa – Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC” <i>António Pedro Batarda Fernandes</i>	159
“Antiquários e Arqueólogos” <i>António Alberto Rodrigues Trábulo</i>	167
“A Pré-História Recente no Douro Sul. Um ensaio de Arqueologia Espacial” <i>António José Fernandes Heitor e Carla Isabel Dias Franco</i>	173
“A estátua-menir de Longroiva e a sua importância para a cronologia da Idade do Bronze na região do Côa e territórios confinantes <i>Adriano Vasco Rodrigues</i>	179
“As fíbulas do Bronze Final e Idade do Ferro de Portugal Interior (Norte e Centro): problemática sobre produção local e de longa distância” <i>Salette da Ponte</i>	185
“Pré-História Recente na região da Guarda – alguns subsídios” <i>Manuel Sabino G. Perestrelo e Marcos Osório</i>	207

"Canedotes (Vila Nova de Paiva – Viseu): uma aproximação à ocupação do povoado"	233
<i>Alexandre Canha</i>	
"O Castelo de Torre de Moncorvo: resultados da intervenção de 2001"	251
<i>António Chéney e Pedro Sobral de Carvalho</i>	
"A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa"	275
<i>J. A. Gonçalves Guimarães e Susana Guimarães</i>	

A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa

J. A. GONÇALVES GUIMARÃES*; SUSANA GUIMARÃES**

1. INTRODUÇÃO

O interesse da descoberta de moedas em qualquer estação arqueológica é por demais sabido. Mas esse interesse é tanto maior quanto mais íntima for a relação entre os numismas e a mensagem que transportam – cronologia, local de cunhagem, valor, além de outros aspectos – e as estruturas arqueológicas onde foram encontrados.

É nesse pressuposto que apresentamos as moedas de Ervamoira, as quais, se bem serviram para ajudar a datar algumas das estruturas descobertas nesta estação arqueológica, ¹ a sua importância como fonte de interpretação da mesma não se fica por aí ², podendo e devendo ir bastante mais além.

Para este estudo não tem pois qualquer interesse a ordem cronológica do seu aparecimento, embora seja por essa ordem que as mesmas aparecem no inventário geral (Quadro I).

Refira-se, a propósito, que grande parte destas moedas só foi encontrada devido aos cuidados postos na escavação, e na recolha do seu espólio, pelos arqueólogos, monitores e pelos membros das equipas, pois algumas delas passam pelas malhas do crivo usado, e nestes trabalhos jamais foram usados detectores de metais. Estão pois todas elas devidamente referenciadas em relação ao local onde apareceram, mesmo quando foram encontradas no acto de peneirar a terra recolhida de cada quadricula da estação.

Até 2003 foram encontradas 14 moedas na intervenção arqueológica e uma no solo junto à casa da quinta transformada em 1997 em Museu de sítio. Do total das quinze, foram encontradas em Ervamoira A (estação tardo romana e medieval) 10 moedas romanas e 1 portuguesa medieval; em Ervamoira B (local onde existiu a antiga capela de N^a. S^a. dos Carvalhais), foram encontradas duas da Monarquia Constitucional portuguesa e duas da República Portuguesa.

A sua proporção e cronologia estão em sintonia com os vestígios arqueológicos, pujantes no período romano e rudimentares na Idade Média. Entretanto a quinta voltou a readquirir alguma importância como produtora de cereais nas últimas décadas do século XIX e ao longo do século XX, até que em 1974 foi comprada pela Casa Ramos Pinto e adaptada à viticultura.

Embora tenham sido encontrados vestígios da Alta Idade Média em Ervamoira A e cerâmica dos séculos XVII e XVIII em Ervamoira B, não foram encontrados numismas destas épocas, o que pode ter a ver com uma ocupação então muito mais precária do sítio, sendo certo que na primeira daquelas épocas houve uma acentuada rarefacção monetária.

2. CATÁLOGO

São as seguintes as moedas de Ervamoira, por ordem cronológica; ver também Quadro I. Os exemplares 1 a 10 estão expostos no Museu de Sítio de Ervamoira.

A – Império Romano

1 - CLAVDIVS (n^o de ordem 12)

Asse; Bronze; Roma; 41-50 (?) d.C. ou 50 (?) – 54 d.C.

Anverso: [TI-]CLAVDIVS-CAESAR-A[V]G-[P-M-TR-P-IMP
ou IMP-P-P-]; Cabeça nua à esquerda.

* Arqueólogo; director científico das escavações e do programa do Museu de Sítio de Ervamoira; membro efectivo do Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR-CQ).

** Licenciada em História, variante de Arqueologia-Ramo Educacional pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto; pós-graduada em Estudos Locais e Regionais.

Reverso: *Minerva* segurando escudo e lança, à direita. No campo, S-C..
Peso: 9,99 gr.; módulo: 25,57/27,70 mm; eixo 6.
Bibliografia: COHEN nº 84, p. 257; RIC I, nº 100, p. 128, Est. XVI ou nº 116, p. 130³.

- 2 - GETA (nº de ordem 10)
D;Prata; Roma; 209-212 d.C..
Anverso: P-SEPT-GETA-CAES-PONT; busto à direita com manto e couraçado, com cabeça descoberta; D1.
Reverso: NOBI-LITAS; *Nobilitas* em pé, segurando o ceptro e paladium.
Peso: 2,594 gr.; Ø 17 mm; esp. 1,5 mm; eixo 1.
Bibliografia: RIC IV nº 13 a), p. 316.
- 3 - CLAUDIVS II (nº de ordem 6)
Nu; Bronze; centro emissor indeterminado; c. 263-270
Anverso: [IMP]-CLAUDIVS-[AVG]; cabeça radiada à direita, tipo K.
Reverso: ilegível
Peso: 2,915 gr.; Ø 21 mm; esp. 1,5 mm.
Bibliografia: RIC V (part I).
- 4 - CONSTANTINVS (nº de ordem 3)
Nu; Bronze; Nicomédia (?); 324-337
Anverso: CONSTAN-TINVS-AVG; cabeça com diadema à direita
Reverso: D-N-CONSTANTINI-MAX-AVG; VOT XXX
(inserido numa coroa); S[MN]A(?).
Peso: 2,522 gr.; Ø 19 mm; esp. 1 mm; eixo 11.
Bibliografia: LRBC p. 27, nº 1149⁴.
- 5 - URBS ROMA (nº de ordem 5)
Nu; Bronze; Trier (?); 324-340 (antes de Abril de 340)
Anverso: URBS-ROMA; busto à esquerda, com capacete com viseira e crista, manto ornamental, couraçado; R1/OL.
Reverso: loba virada à esquerda, amamentando Rómulo e Remo, em cima com estrelas, tipo W.
Peso: 1,929 grs.; Ø 17 mm; esp. 1mm; eixo 12.
Bibliografia: RIC VIII, nº 66, p. 143.
- 6 - CONSTANTIVS II (nº de ordem 4)
Æ 3; Bronze; Constantinópolis; 351-355.
Anverso: [D-N-CONSTAN]-TIVS-[P-F-AV]G; busto à direita com diadema, manto e couraçado, tipo Csi/Dz.
Reverso: FEL-TEMP-RE[PARATIO]; M no campo; exergo CON[SA].
Peso: 2,376 gr.; Ø 17 mm; esp. 1,2 mm; eixo 10.
Bibliografia: RIC VIII, nº 137, p. 460.
- 7 - CONSTANTIVS II, imitação (nº de ordem 2)
Æ 4; Bronze; centro emissor indeterminado; posterior a 355 (?)
Anverso: [D-N-CONSTAN-TIV]S-P-F-AUG; busto à direita com diadema, manto e couraça, tipo Csi/Dz.
Reverso: legenda cortada; cavalo e cavaleiro derrubados (tipo FH3); IM .
NO
Peso: 1,321 gr.; Ø 13 mm; esp. 1 mm; eixo 10.
Bibliografia: RIC VIII.; GUIMARÃES & PEIXOTO 1989:502 e 508.
- 8 - THEODOSIVS (nº de ordem 11)
Æ 4; Bronze; Arelate; 28.08-388 a 15.05-392.
Anverso: D-N-[THEODO-SIV]S-P-F-AUG; busto à direita com diadema, manto e couraçado, tipo A.
Reverso: VICTORIA-AUG-G-G; *Vitória* avançando para a esquerda, segurando coroa e palma; exergo [P]CON.
Peso: 0,934 gr.; Ø 12 mm; esp. 1 mm; eixo 11.
Bibliografia: RIC IX, nº 30 (d), p. 69.

9 - Ilegível (nº de ordem 7)
Bronze; outras características não determinadas.
Anverso: ilegível; aparenta busto à direita.
Reverso: ilegível; aparenta duas figuras humanas.
Peso: 2,802 gr.; Ø 16,8 mm; esp. 1,8 mm.

10 - Ilegível (nº de ordem 8)
Bronze; outras características não determinadas.
Anverso: ilegível; aparenta busto à direita.
Reverso: ilegível.
Peso: 2,302 gr.; Ø 17 mm; esp. 1,2 mm.

B – Portugal: Idade Média

1 - D. AFONSO III (nº de ordem 1)
Dinheiro; Bolhão; centro emissor indeterminado; 1248-1279.
Anverso: ALFONSO-REX
Reverso: PO-RT-VG-AL
Peso: 0,570 gr.; Ø 15 mm; 0,2 mm.
Bibliografia: GOMES 1987 I: 27 e 28; VAZ & SALGADO 1988: 35 (A3:01); GUIMARÃES & PEIXOTO 1988: 11; *idem* 1989: 501/502 e 508; *idem* 1994: 245⁵.

C – Portugal: Monarquia Constitucional

1 - D. LUIS (nº de ordem 14)
X reis; Bronze; Lisboa; 1883.
Anverso: D.-LUIS-I-REI-DE-PORTUGAL
Reverso: X-REIS-1883, dentro de coroa de ramo de oliveira e carvalho, com laço.
Peso: 5,3 gr.; Ø 25 mm; esp. 1 mm.
Bibliografia: GOMES 1987 II: 265, L105.02.

2 - D. CARLOS (nº de ordem 9)
20 reis (*vintém*); Bronze; Lisboa; 1891.
Anverso: CARLOS-I-REI-DE-PORTUGAL-1891
Reverso: 20-REIS, dentro de coroa de ramos de oliveira e carvalho.
Peso: 11,2 gr.; Ø 30 mm; esp. 2 mm.
Bibliografia: GOMES 1987 II: 268, C103.01.

D – Portugal: 1ª República

1 - (presidente Teixeira Gomes)
10 centavos; Bronze; Lisboa; 1925.
Anverso: busto da *República*, à esquerda, com barrete frígio.
Reverso: REPÚBLICA-PORTUGUESA – 1925; (ao centro)
10 - CENTAVOS
Peso: 3,8 gr.; Ø 22 mm; esp. 1 mm.
Bibliografia: GOMES 1987 III: 276, R09.02.

F – Portugal: Estado Novo

1 - (presidente Américo Thomaz)
XX centavos; Bronze; Lisboa; 1963.
Anverso: REPÚBLICA – PORTUGUESA – 1963; ao centro cinco escudetes em cruz apontados para baixo, cada um com cinco besantes em aspa.
Reverso: XX – CENTAVOS sobre ramo de oliveira.
Peso: 2,9 gr.; Ø 20,5 mm; esp. 1 mm.
Bibliografia: GOMES 1987 III: 277, R16.18.

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DOS NUMISMAS

Como soubemos e constatamos logo no início da intervenção no arqueosítio romano e medieval (Ervamoira A), o terreno tinha sido superficialmente muito revolvido durante largos anos pelo arado na preparação do solo para a sementeira de cereal. Os próprios sulcos do arado ainda eram evidentes em 1985. A escavação veio a revelar uma estratigrafia quase sempre muito simples e com o que restava das estruturas romanas e medievais a muito pouca profundidade, quase todas muito destruídas, em determinados trechos completamente, pelo bico do arado, que nas pedras deixou a sua marca, e a consequente desmontagem dos muros. As construções medievais sobrepõem-se parcialmente às romanas e reutilizam os seus materiais avulsos pois ignoraram a sua implantação mais profunda e sólida, o que mostra, só por si, que a ocupação medieval do século XIII foi aqui precária e muito mais efémera do que a romana ⁶.

A estratigrafia é pois a seguinte: o estrato 0.0 corresponde à camada de solo arado, com cerca de 20 cm de profundidade, com materiais romanos e medievais dispersos e deslocados; o estrato 0.1 corresponde de um modo geral aos níveis de derrube de materiais das construções romanas e medievais, ou à sua mistura onde estas se sobrepõem, nomeadamente nas grandes lareiras de ar livre, fora dos habitats medievais; o estrato 0.2 corresponde aos pavimentos não revolvidos após o desabamento dos edifícios a que pertencem, onde se encontram as peças que aí estavam aquando da sua destruição. É neste contexto arqueológico que encontramos os numismas. Em algumas bolsas da escavação foi possível encontrar níveis 0.3 e 0.4, mas são excepcionais e quase sempre correspondem a fossas cavadas nos pavimentos para colocação de prumos que sustentaram as coberturas.

A moeda de Cláudio, de meados do século I, encontrada ao nível de uma estrutura olárica de fabrico de *tegulae*, estará concerteza relacionada com a primeira ocupação romana do lugar, facto a que também associamos a *tegula* mais antiga aqui encontrada, alguma outra cerâmica ainda não publicada e fragmentos de moldura de porta ou janela em granito, bem assim como de fustes de colunas, reaproveitadas na construção romana do séc. IV ⁷.

A moeda de Geta (início do século III) e a de Teodósio (finais do século IV) não podem ser directamente relacionadas com qualquer estrutura, pois poderão ter sido deslocadas pelo arado ou pela água da chuva para o local onde foram encontradas. A primeira poderá indicar a vontade de reocupação do sítio após um primeiro abandono das estruturas construídas numa primeira ocupação do século I. Não há outros materiais que, no estado actual dos estudos sobre esta estação, possamos relacionar directamente com ela. A moeda de Teodósio poderá estar directamente relacionada com a basílica rural aqui erguida, pois foi encontrada junto da sua implantação ⁸.

Todas as restantes moedas romanas desta estação, respectivamente de Cláudio II, Constantino, Constâncio II, e duas outras ilegíveis, talvez devido ao facto de sobre elas ter existido uma enorme lareira medieval, ao todo um total de sete, foram encontradas dentro da estrutura do século IV, uma casa com cerca de 120 m², com numerosa baixela de copa e mesa, o que nos levou a pensar tratar-se da *taberna* que servia a *mutatio* ⁹. Note-se que a mais antiga remonta a 263-270 e a mais recente a pouco mais de 355. Mas o sítio só deverá ter-se degradado no século V, mas não totalmente abandonado, pois de outro modo não se compreenderiam a *basílica* e os vestígios visigóticos, tendo estas estruturas sido violentamente destruídas e temporariamente despovoadas depois do século VIII, como já aventamos ¹⁰, foram logo depois reocupadas, pois de outro modo também não se compreenderia aqui uma talha com influências decorativas do Mediterrâneo ¹¹. Porém não foram descobertos, até à data, numismas posteriores a Teodósio. O único exemplar, classificado como visigótico para a região será de Numão; porém não lhe encontramos paralelo em obras sobre a numária germânica ¹².

4. AS MOEDAS DE ERVAMOIRA E A NUMÁRIA ROMANA DA REGIÃO

O povoamento romano do troço terminal do Vale do Côa tem obviamente de ser compreendido no contexto do povoamento latino da região do Baixo Côa, o qual tem como principais vectores a sua riqueza mineira e a rede viária que conduzia ao Douro, quer ao longo do *graben* de Longroiva até ao Pocinho, quer, a partir deste, cruzando o Côa em direcção a Calábria. Não sendo este rio navegável, a não ser onde entra no Douro, e mesmo este não o era de S. João da Pesqueira para montante, devido ao "cachão" que aí existia, a não ser por jangadas ou barcas de passagem ¹³, a presença de numismas foi trazida até aqui por via terrestre com a ocupação militar, as trocas comerciais, o eventual pagamento de serviços ou a distribuição generosa por ricos proprietários aos seus servos ou dependentes.

Área de implantação dos Aravi, dos Meidubrigenses, e dos Banienses ¹⁴, a romanização está aqui documentada desde os tempos republicanos, através da presença de denários em Longroiva ¹⁵. As

primeiras tropas romanas na região terão sido comandadas por Quinto Servílio Cepião, procônsul da Ulterior em 139 a.C., quando este avança até ao território dos Vetões e entra na Lusitânia por Nascente e Norte ¹⁶. Porém as moedas romanas poderão ter aqui chegado antes devido à acção de guerrilha e saque dos Lusitanos. Em 48 a.C. Quinto Cássio Longino, tendo sido designado por César para governador da Ulterior, terá tomado Medobriga ¹⁷. O culto imperial a Adriano está documentado através de uma inscrição de Marialva ¹⁸, onde igualmente foi encontrado um *aureus* do mesmo imperador ¹⁹.

A presença de legionários está igualmente confirmada em Numão, onde Tibério Cláudio Saílquio, soldado de cavalaria da 3ª Coorte dos Lusitanos dedica uma ara aos deuses e deusas de Coniumbriga ²⁰ e em Longroiva, onde um outro cavaleiro da 7ª Legião Gemina Félix dedica igualmente uma inscrição ²¹. Porém, não obstante estes exemplos, a presença militar romana não foi aqui muito impressiva devido à falta de resistência à romanização; por esse motivo «o governo da Lusitânia manteve-se assim durante quase todo o Alto Império a um nível modesto, o que é normal para uma província imperial sem exército e sem grandes problemas de ordem» ²².

Sendo no entanto certa a intensa romanização da região ²³, só a continuidade das escavações em curso e sobretudo a sua extensão aos lugares já como tal identificados, mas ainda sem intervenção arqueológica, poderá dar-nos um panorama minimamente coerente da sua verdadeira implantação.

Para enquadrar os numismas mais antigos de Ervamoira no contexto da romanização e medievalização da região, não obstante o seu diminuto número, procurando analogias ou discrepâncias se as houvera, comparamo-los com outros grupos de moedas pericuanos já estudados, porventura não todos ou sequer a totalidade das moedas, mas os mais significativos.

Assim, em primeiro lugar deveríamos considerar o tesouro de Sequeira, freguesia da Horta encontrado por volta de 1946, o qual continha «mais de cem moedas pequenas, todas de cobre, do Império. O tesouro dispersou-se, conservando o Sr. Dr. João Gouveia, de Numão, bastantes exemplares...» ²⁴. Porém o mesmo nunca foi estudado, sendo possível que as suas moedas se tenham encontrado com as de outras proveniências nas mãos daquele e de outros coleccionadores: perdeu-se assim o seu interesse arqueológico, restando-lhe apenas o numismático, o que é muito pouco.

Também pouco seguras da sua origem são as colecções que dizem terem sido encontradas em Numão ou Freixo de Numão e que se guardam no Museu Regional da Guarda. Para além de se tratar de duas povoações diferentes e até com uma certa distância entre si, o mais certo é estes grupos de numismas terem resultado de uma acção relectora pouco esclarecida. Disso mesmo nos dá conta HIPÓLITO 1961:57 e da situação habitual em tais “recolecções”. Não obstante estes pressupostos, o autor que mais recentemente o publicou afirma: «mas o tesouro foi-nos apresentado como um todo único e como tal o estudamos» ²⁵. Ora o seu valor arqueológico é, por isso mesmo, insignificante, podendo, mesmo assim, ter interesse para o “estudo da região”.

Por todas estas razões agrupamos os numismas publicados por FERREIRA 1953; FERREIRA 1954; HIPÓLITO 1961; FERREIRA 1962; FERREIRA 1979; FERREIRA 1980; COIXÃO 1999 e PARENTE 2002 ²⁶ como se tratasse de uma única “colecção” ou, mais propriamente, a “colecção” de moedas romanas de Numão e de Freixo de Numão. Como nem sempre se percebe se estes autores se referem, ou não, às mesmas moedas, as quantidades dos numismas podem estar erradas. Genericamente aparecem no Quadro II como N/FN (Numão ou Freixo de Numão).

Depois consideramos as moedas encontradas no concelho da Meda por RODRIGUES 1983:82, 84, 86, 88 (*op.cit.* Nota 19) e NALDINHO 2004: 174 (*op.cit.* Nota 15), designadas por M (Meda).

As moedas encontradas na freguesia de Almendra, margem direita do Côa, e apenas numa única estação (Vale de Telhões) referidas por COSME 2001: 56 ²⁷, assinaladas com um A (Almendra).

O Quadro II completa-se com as moedas de Ervamoira (E), já atrás descritas.

Se estes dados numismáticos fossem suficientes para fazer o cronograma da ocupação do Baixo Côa poderíamos concluir pela existência de uma intensa romanização republicana, a qual abranda ao longo do século primeiro, atingindo um novo auge nos finais do século I / princípios do século II, voltando a decair até novo pico na 2ª metade do século III (a época mais importante da romanização da região), voltando a novo auge por meados do século IV. Ervamoira, na pequenez do seu exemplo, é apenas coincidente no aumento de expressão da romanização do século IV, a época mais expressiva das suas ruínas.

Porém estes dados são absolutamente provisórios pois só a continuidade das escavações arqueológicas nas estações romanas já detectadas nos poderá dar um mapa credível da ocupação do território.

Enquanto tal não acontece os numismas estudados na região parecem indicar o seguinte:

- 1 - Ocupação republicana com alguma continuidade no Império.
- 2 - Reforço dessa ocupação no tempo de Trajano e Adriano.
- 3 - Intensa romanização ao longo da 2ª metade do século III e 1ª metade do século IV.
- 4 - Decadência a partir da 2ª metade do século IV.
- 5 - Medievalização imediata com a chegada dos povos germânicos.

De um modo geral as moedas romanas de Ervamoira, sendo bem poucas, mesmo no contexto numismático da região, apontem para as mesmas tendências: ocupação do sítio no tempo de Cláudio com alguma permanência nesta granja agrícola, talvez *mutatio* em algumas épocas²⁸, daí em diante; intensa ocupação no século IV até Teodósio I e depois o silêncio monetário até ao século XIII.

5. MOEDAS MEDIEVAIS, MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS

Embora muito mais perto de nós, estamos pior documentados sobre as moedas medievais, modernas e contemporâneas aparecidas na região, não porque sejam mais raras ou menos abundantes, mas porque a maior parte é encontrada por recolectores e sonogada à lição arqueológica, sendo vendidas por antiquários e colecionadores sem qualquer referência ao local e condições do seu achamento. Mesmo assim atentemos no Quadro III²⁹: não sendo os numismas em número suficiente para fazer juízo da circulação monetária durante a Idade Média e início da Moderna na região, atente-se na distribuição das moedas de D. Afonso III e na quantidade das de D. Sebastião no adro da igreja de Freixo de Numão. A presença de moedas castelhanas, significativas (16%), poderá justificar-se pela proximidade da raia, pelas deslocações dos almocreves e pela convicção de que na outra vida todas as moedas valem o mesmo por no Céu, ou no Inferno, não haver nacionalidades. A moeda de Fernando III, o *Santo* (1201-1252), rei de Castela a partir de 1217 e de Leão a partir de 1230, menos aqui espanta se nos lembrarmos que, até 1297, o Côa foi a fronteira entre Portugal e Leão.

Quanto a moedas dos séculos XVII ao XX não conhecemos qualquer referência publicada para a região que tenha interesse arqueológico: por isso aqui ficam as de Ervamoira B, que apenas atestam a actividade agrícola recente no adro da antiga e demolida capela de N^{ra} Sr.^a dos Carvalhais, quer nos finais do século XIX, quer durante a 1^a República, quer durante os últimos anos do Estado Novo.

Ao todo, uma imagem ainda muito incompleta da circulação monetária no Baixo Côa ao longo de mais de dois mil anos.

NOTAS

¹ Sobre a estação arqueológica de Ervamoira ver bibliografia em GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2004) – “As Semanas de Estudos Especializados: experiência e balanço”. In *Coavisão-Cultura e Ciência*, nº 6, 2004, p. 145/146, a que acrescentamos este trabalho publicado nesta mesma revista e outros em vias de publicação.

² Uma boa parte da numária de Ervamoira foi já estudada, do ponto de vista da Numismática, por um dos autores deste trabalho: GUIMARÃES, Susana [1999] – Moedas da estação da Quinta de Santa Maria da Ervamoira e da Quinta dos Bons Ares. Trabalho apresentado à cadeira de Arqueologia Clássica da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A classificação e a fotografia de uma das moedas de Constancio II e a de D. Afonso III podem ser vistas em GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; PEIXOTO, Maria da Graça (1989) – “A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira, Muxagata, Vila Nova de Foz Côa: novos dados”. In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Associação de Defesa do Património e Ambiente “Amigos da Beira”, p. 501/502 e 501.

³ Cf. COHEN, Henry (1955) – *Description historique des monnaies frappées sous l'empire romain*. Graz: Akademische Druck – U. Verlagsanstalt, 1955, tomo 1 (2^a edição); (RIC I) = SUTHERLAND, C.H.V., vol. I, 31 BC – AD 69. In SUTHERLAND, C.H.V. & CARSON, R.A.G., ed. – *The Roman Imperial Coinage*. London: Spink & Son, 1984, vol. I (edição revista).

«Observações: estamos perante um exemplar cunhado sem qualquer dúvida no reinado de Cláudio (41-54 d.C.). São conhecidas duas séries diferentes: a primeira entre 41-50 d.C. e a segunda entre 50-54 d.C.. A moeda em questão encontra-se bastante cerceada no seu módulo, dificultando a leitura da legenda do averso. Em consequência, torna-se difícil destrinçar a qual das emissões ela pertence. Parece-se, no entanto, e sob algumas reservas, que ela pertencerá à 1^a emissão. No módulo são referidos o módulo mínimo e o módulo máximo»; comentário do Dr. Filipe Teixeira, do Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto, a quem agradecemos.

Outras moedas de Ervamoira foram estudadas a partir de RIC IV, V, VIII e IX. Consultamos ainda COELHO, António Domingos Simões (1972) – *Nmária da Lvsitânia*. Lisboa.

⁴ LRBC = *Late Roman Bronze Coinage* A.D. 324-498: Part I, HILL, P.V.; KENT, J.P.C. – *The Bronze Coinage of the House of Constantine, A.D. 324-346*; Part II, CARSON, R.A.G.; KENT, J.P.C. – *Bronze Roman Imperial Coinage of the Later Empire, A.D. 346-498*. Londres: Spink & Son L^{td}., reimpressão de 1978.

⁵ Cf. GOMES, Alberto (1987) – *Moedas Portuguesas 1128-1988*, volumes I, II e III. Lisboa: Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, p. 27 e 28; VAZ, J. Ferraro; SALGADO, Javier (1988) – *Livro das Moedas de Portugal*. Braga; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; PEIXOTO, Maria da Graça (1988) – *A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira, Muxagata, Vila Nova de Foz Côa (Notícia Preliminar)*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto/Gabinete de História e Arqueologia, p. 11 e *Idem; idem* (1994) *idem, ibidem, Gaya*, vol. VI, p. 245.

⁶ Cf. GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2003) – “Ervamoira: da granja romana à quinta medieval de Santa Maria, uma hipótese de musealização das ruínas”. In *Coavisão – Ciência e Cultura*, nº 5, 2003, p. 73 e segs..

⁷ Sobre as *tegulae* desta estação ver GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1993) – “Alguns materiais arqueológicos da estação da margem sul do Rio Douro: as *tegulae*”. In *Lycerna*, 2ª série, vol. III (Actas do Colóquio Português de Arqueologia – 1987). Porto: Centro de Estudos Humanísticos, p. 217 e seguintes.

⁸ Cf. GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2000) – “Vestígios paleocristãos de Ervamoira, Vale do Côa”. In *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica* (Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. VI); organização de Vítor Oliveira Jorge. Porto: ADECAP, p. 617-631.

⁹ Cf. GUIMARÃES 2003:76 e 80.

¹⁰ Cf. GUIMARÃES 2000.

¹¹ Sobre a cerâmica romana e medieval de Ervamoira ver: GUIMARÃES, J. A. Gonçalves. (1999) – «Cerâmica arqueológica do Museu de Ervamoira». In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida. In Memoriam*, vol. I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 377-389; *Idem* (2000) – «Cerâmica romana e medieval de Ervamoira». In *Actas do Colóquio Beira Interior História e Património*. Guarda: Câmara Municipal, p. 171-184. A referida talha vem descrita no primeiro trabalho na p. 382 e desenho na p. 389 e Estampa 2 nº 10, e no segundo na p. 175, 182 e 184.

¹² Cf. PARENTE, João (2002) – *As moedas romanas do Museu da Guarda*. Guarda: IPM, p. 105, sem referências bibliográficas para a moeda. Não a encontramos em CRUSAFONT I SABATER, M. (1994) – *El sistema monetário visigodo: cobre y oro*. Barcelona/Madrid: Asociacion Numismática Española/Museo Casa de la Moneda.

¹³ Octávio Lixa Filgueiras descobriu na região raiana a utilização até ao século XX de jangadas de odres, tendo recolhido um exemplar no Museu da Marinha; sobre as barcas de passagem do Côa ver TRABULO, Joaquim (2000) – *Por veredas do Vale do Côa – Roteiros de Chãs*. Vila Nova de Gaia: ed. do A., p. 42.

¹⁴ Sobre os povos indígenas e a romanização da região ver CURADO, Fernando Patrício (1994) – “A propósito de Conimbriga e de Coniumbriga”. In *Gaya*, vol. VI. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia, p. 213 e seguintes e mapa da pag. 231; COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues (1998) – “Romanização na área do actual concelho de Vila Nova de Foz Côa”. In *Coavisão – Ciência e Cultura*, nº 0. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 51; COIXÃO, António do Nascimento Sá (2004) – “Alguns subsídios para o estudo da romanização na área do concelho de Meda”. In *Coavisão – Cultura e Ciência*, nº 6. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 83 e segs..

¹⁵ Cf. ALARCÃO, Jorge de (1998) – *Roman Portugal*, vol. II, Gazetteer (inventário), Fasc. 1. Porto, 2. Bragança, 4. Viseu. Warminster: Aris & Phillips Lth, p. 55 a. Recentemente apareceu mais um denário de Marco António (31 a.C.) na Meda: cf. NALDINHO, Sandra Maria Eusébio (2004) – “O Castro de S. Jurge (Ranhados-Meda)”. In *Coavisão – Cultura e Ciência*, nº 6. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 174.

¹⁶ Cf. ALARCÃO, Jorge de (1974) – *Portugal Romano*. Lisboa: Editorial Verbo, p. 34.

¹⁷ ALARCÃO 1974: 46 localiza Medobriga em Ranhados, Meda; mais recentemente COIXÃO 2004: 83 aventa a hipótese da “área urbana da Vila de Freixo de Numão”.

¹⁸ Cf. ALARCÃO 1988: 54 b.

¹⁹ Cf. RODRIGUES, Adriano Vasco (1983) – *Terras da Meda – Natureza e Cultura*. Meda: Câmara Municipal, p. 86.

²⁰ Cf. CURADO 1994: 219.

²¹ Cf. ALARCÃO 1988: 55 a.

²² Cf. MARTIN, Jean-Pierre (1999) – *As províncias romanas da Europa ocidental e central de 31 a.C. a 235 d.C.*. Lisboa: Publicações Europa-América, Ld^a, p. 137.

²³ Cf. COIXÃO, António do Nascimento Sá (2000) – *Carta arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*: Câmara Municipal, p. 197-353 e outra bibliografia sobre o tema recentemente publicada na revista *Douro – Estudos e Documentos*. Porto: GEHVID.

²⁴ Cf. HIPÓLITO, Mário de Castro (1961) – “Dos tesouros de moedas romanas em Portugal”. In *Conimbriga*, vol. II-III, p. 56, também citado por COIXÃO & TRABULO 1998:51.

²⁵ Cf. PARENTE 2002:91.

²⁶ Cf. FERREIRA, João Alberto Pinto (1953) – “Antiguidades de Numão”. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XVI. Porto: Câmara Municipal, p. 193-281; *Idem* (1954) – *Freixo de Numão – Apontamentos*. Porto: Edições Maranus; HIPÓLITO 1961, *op.cit.* Nota 24; FERREIRA, J. A. P. (1962) – “Numão - notável estação arqueológica”. In *Stvdium Generale* (Actas do I Colóquio Português de Arqueologia), vol. IX, tomo 1º. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, fotografias de moedas em cinco páginas não numeradas; *Idem* (1979) – “Moedas romanas de Numão”. In *Nvmmvs*, nº 33. Porto; COIXÃO & TRABULO 1998:51, Nota 5 chama-lhe “Moedas romanas encontradas no Termo de Numão” e diz que não conseguiu encontrar o artigo; porém COIXÃO, António do Nascimento Sá (1999 a) – “Moedas romanas encontradas nos termos de Numão – qual o seu contributo para o estudo da romanização nestes dois maciços graníticos da zona ocidental do concelho de Foz

Côa?”. In *Coavisão-Cultura e Ciência*, nº 1. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, publica um quadro com o primeiro título e a referência à sua publicação em separata daquela revista nas páginas 69/70; FERREIRA, J.A.P. (1980) – “Moedas romanas encontradas em Freixo de Numão e seu termo”. In *Revista de Guimarães*, 1980. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, p. 375-381; COIXÃO 1999, *vide supra*; SILVA, Ana Maria dos Santos; CUNHA, Maria João; FERREIRA, Sandra dos Santos (1999) – “As moedas romanas das estações arqueológicas de Freixo de Numão (Foz Côa)”. In *Coavisão-Cultura e Ciência*, nº 1. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 59 e seguintes (estas moedas serão as mesmas de COIXÃO 1999 a); PARENTE 2002, *vide* Nota 12.

²⁷ Cf. COSME, Susana Rodrigues (2001) – “O lagar romano de Aldeia Nova/Olival dos Telhões (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)”. In *Douro Estudos & Documentos*, vol. VI (12), 2001 (2ª), p. 56.

²⁸ Cf. GUIMARÃES 2003, *op. cit.* Nota 6.

²⁹ São os seguintes os sítios arqueológicos referidos no Quadro III: Castelo Melhor, cf. MATHIAS, Michael (2000) – “O Projecto: o Castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda – intervenção arqueológica e estudo de conservação/recuperação”. In *Coavisão-Ciência e Cultura*, nº 2, 2000. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 41 (CM); estação arqueológica do Prazo, in COIXÃO, António do Nascimento Sá (1999 b) – *Rituais e cultos da morte na região de Entre Douro e Côa*. Freixo de Numão: ACDR, p. 55 (P); capela de S. Pedro de Numão, in LOPES, Isabel Alexandra; SANTOS, Heloísa Valente; ABRANCHES, Paula Barreira (1998) – “Capela de S. Pedro de Numão – 1ª intervenção na Vila Velha de Numão”. In *Coavisão-Cultura e Ciência*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, nº 0, p. 60 (CSP); adro da igreja de Freixo de Numão, in COIXÃO 1999 b:146 (AFN); Ervamoira A, in GUIMARÃES & PEIXOTO 1988:11 e *idem, idem* 1994:245 (E).

NOTA FINAL

As fotografias das moedas n.º 3, 4, 5, 6 e 7 foram realizadas pelo Dr. Filipe Teixeira e a n.º 8 por Pedro Magalhães; o mapa das *cecas* foi elaborado pelo Dr. Miguel Nogueira a partir das indicações de um dos autores; agradecemos a Margarida Cunha a inforgrafia deste texto.

Quadro 1 – NUMÁRIA DE ERVAMOIRA

Nº de ordem	Classificação	Centro emissor	Cronologia	Peso (g)	Ø (mm)	Espess. (mm)	Eixo	Metal	Data e local de achamento
1	Dinheiro - D. AFONSO III	—	1248-1279	0.570	15	0.2	—	Æ	85.08.07; II J7.02 (3)
2	Æ 4- imitação CONSTANTINUS II	—	> 355	1.321	13	1	10	Æ	86.08.05; II M6.03 (04)
3	Nu-CONSTANTINUS	Ticinum? Nicomedia?	324-337 ou 327?	2.522	19	1	11	Æ	88.07.26; II I5.01
4	Æ 3- CONSTANTINUS II	Constantinopolis	351-355	2.376	17	1,2	10	Æ	89.08.02; II J7.02 (3)
5	Nu-URBS ROMA	Trier?	324-341 (antes de Abril de 340)	1.929	17	1	12	Æ	90.08.01; II H4.01
6	Nu-CLAUDIUS II	—	268-270	2.915	21	1,5	—	Æ	91.08.03; II H5.01
7	(ileg/vel)	—	—	2.802	16,8	1,8	—	Æ	91.08.05; II G4.01
8	(ileg/vel)	—	—	2.302	17	1,2	—	Æ	91.08.07; II G4.01
9	20 reis - D. CARLOS	Lisboa	1891	11.2	29	2	—	Æ	96.08.07; Casa da Quinta
10	D-GETA	Roma	209-212	2.594	17	1,5	1	AR	96.08.07; VII G12.00
11	Æ4- THEODOSIUS	Arelate	388.08.28 392.05-15	0.934	12	1	11	Æ	97.07-22; XI K16.00
12	Asse - CLAUDIUS	Roma	41-50 (?) 50 (?) -54	9.990	25.57/ 27.70	2	6	Æ	01.07.27; XI I17.02
13	XX Centavos	Lisboa	1963	2.9	20	1	—	Æ	02.07.30; B F27.00
14	X Reis - D. LUIS	Lisboa	1883	5.3	25	1	—	Æ	02.08.06; B D30.00
15	10 Centavos	Lisboa	1925	3.8	22	1	—	Æ	03.08.11; B G26.01 L

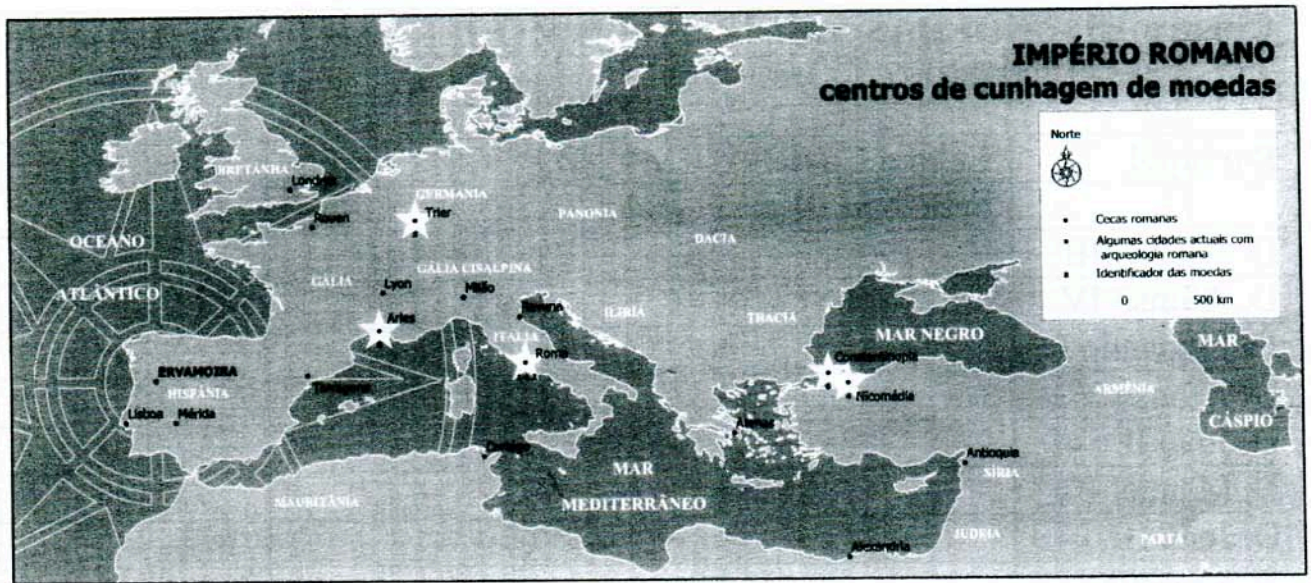
Quadro II – MOEDAS ROMANAS DO BAIXO CÔA

Época/Imperador	governação	N/FN	M	A	E	Total
República	133–27a.C.	15	3			18
Augusto	29a.C.–14d.C.	1				1
*Carisius		1				1
Tibério	14 – 37 d.C.	2				2
Cláudio	41 – 54	1			1	2
Nero	54 – 68	1				1
Vitélio	69	1				1
Vespasiano	69 – 79	1				1
Domiciano	81 – 96	1				1
Nerva	96 – 98	1				1
Trajano	98 – 117	3				3
Adriano	117 – 138	5	1			6
Antonino Pio	138 – 161	1				1
Marco Aurélio	161 – 180	2				2
**Faustina II		1				1
Cómodo	177 – 192					
**Crispina		1				1
Geta	209 – 212				1	1
Alexandre Severo	222 – 235	1				1
Trajano Décio	249 – 251	1				1
Valério I	253 – 260	1				1
**Mariniana		1				1
Galiano	253 – 268	37	1			38
**Salonina		1				1
Cláudio II	268 – 270	25			1	26
Tétrico	270	2				2
Quintílio	270	1				1
Aureliano	270 – 275	1				1
Próbo	276 – 282	2				2
Numeriano	282 – 284	2				2
Diocleciano	284 – 305	2				2
Maximiano	286-306-310	4				4
Contâncio I	306	1				1
**Helena			1			1
Licínio I	308 – 324	3				3
Constantino I	307 – 337	8			1	9
Delmácio	337	1				1
Constantino II	337 – 340				2	2
Constante	337 – 350	6				6
Constâncio II	337 – 361	25			2	27
Magnêncio	350	1		1		2
Constâncio Galo	354					
**Helena		1				1
Juliano II	360 – 363	6				6
Valeno	364 – 378	4				4
Teodósio	379 – 395				1	1
Arçádio	383 – 408	1				1
Constantino III	408 – 411			1		1

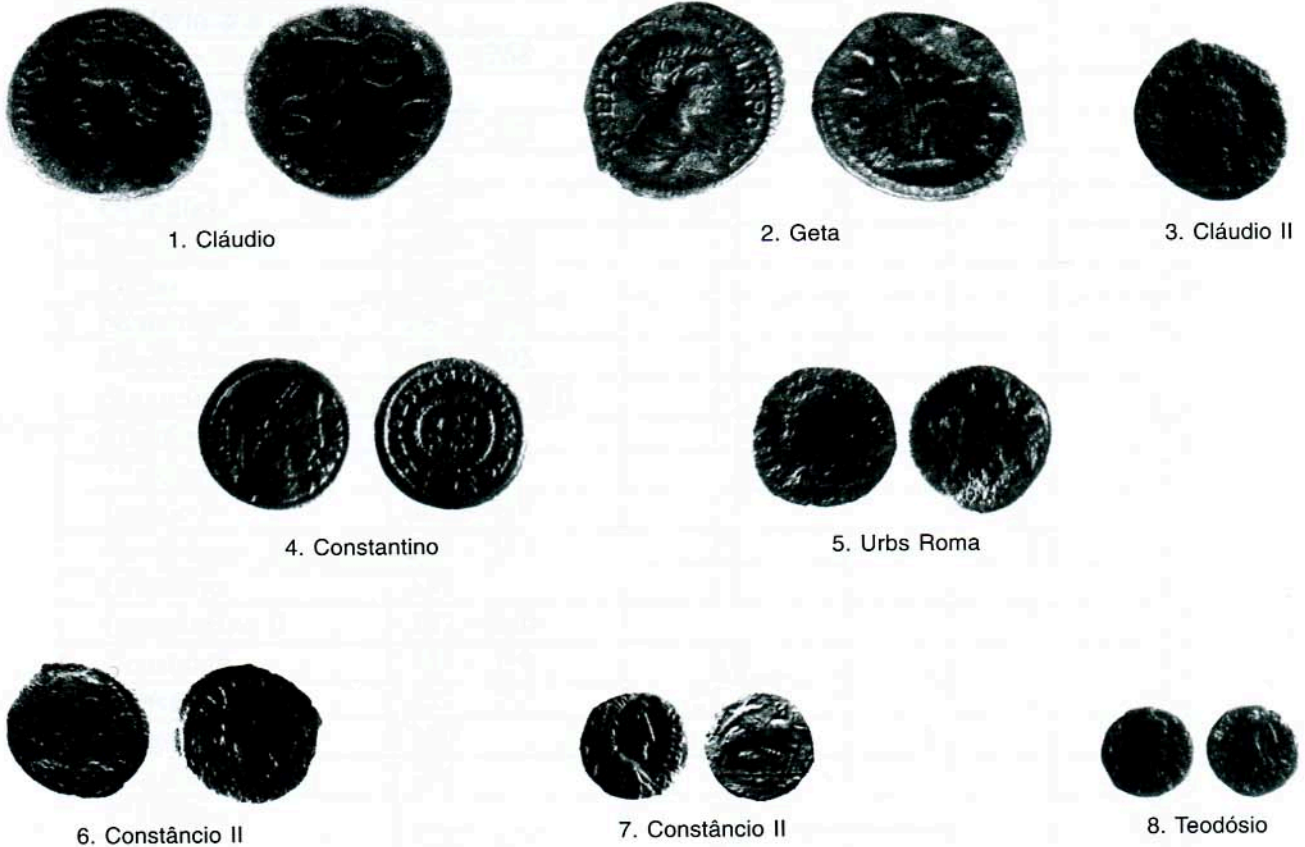
Quadro III - MOEDAS MEDIEVAIS E MODERNAS DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Portugal	Leão e Castela	CM	P	CSP	AFN	E	totais
	Fernando III	1					1
D. Afonso III			1	1		1	3
D. Afonso IV				1			1
D. Fernando I				1			1
D. Afonso V			1				1
D. João II					4		4
D. Manuel I					3		3
D. João III					2		2
D. Sebastião					18		18
	sem indicação de reinado				5		5

Siglas dos quadros II e III: N/FN – Numão ou Freixo de Numão; M – Meda;
 A – Almendra; E – Ervamoira; CM – Castelo Melhor; P – Prazo;
 CSP – Capela de S. Pedro; AFN – Adro de Freixo de Numão.



Proveniência das moedas de Ervamoira



Moedas romanas de Ervamoira